

OS ACONTECIMENTOS DE AGOSTO DE 1942: A REVOLTA POPULAR NA VISÃO DA IMPREENSA RIO-GRANDINA

Andréa Sanhudo Torres*

A Reunião de Consulta do Rio de Janeiro, realizada em meados de janeiro de 1942, teve seu desenrolar marcado pelo trauma que foi o ataque japonês a Pearl Harbour em 7 de dezembro de 1941. Entre as deliberações do encontro estava o rompimento das relações diplomáticas com as nações do Eixo. Naquele momento, começava a despertar a consciência nacional por uma tomada de posição contrária aos países totalitários.¹

A resistência de importantes segmentos militares, liderados pelos generais Góis Monteiro e Gaspar Dutra, ao rompimento com os países do Eixo não foi suficiente para o presidente Getúlio Vargas manter-se em sua postura neutral.² A pressão do Ministro das Finanças e Economia, Sousa Costa e do

* Jornalista e mestranda em História do Brasil – PUCRS.

¹ PINSKY, Jaime. O Brasil nas relações internacionais: 1930-1945. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. São Paulo: DIFEL, 1984, p. 343.

² Logo após a Conferência Consultiva do Panamá (04/10/1939), em 20 de outubro de 1939, o presidente Getúlio Vargas discursou sobre a posição de neutralidade do país: “A consciência política brasileira ditou-nos imperativamente o caminho a seguir. Decretando a Lei de Neutralidade, procuramos, ao mesmo tempo, pela participação ativa na Conferência do Panamá, estreitar ainda mais os laços de solidariedade que nos ligam aos povos do continente americano. Essa medida de nossa política exterior traçou os rumos que se impunham ao nosso patriotismo e tradição pacifista e as demais providências tomadas decorrem naturalmente da necessidade de sua aplicação com o objetivo de amortecer e anular os reflexos inevitáveis da guerra sobre nossa vida internacional”. PINSKY, Jaime. Op. cit., p. 343-344.

Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, determinou o rompimento das relações do Brasil com o Eixo.³

O passo a seguir, no entanto, viria de uma ação externa, o torpedeamento sofrido pela frota brasileira por submarinos alemães. Até 21 de agosto de 1942, quando é declarado o Estado de Beligerância contra a Alemanha e a Itália, 17 navios mercantes brasileiros haviam sido atingidos pelo Eixo; um navio estava desaparecido; uma barcaça havia sido atingida por tiros de canhão, na costa da Bahia; um outro navio foi atacado em frente ao porto da Alexandria, por uma avião nazista. Entre 15 e 17 de agosto de 1942, no espaço de 48 horas, cinco navios nacionais eram torpedeados e afundados nas imediações da foz do rio Real, com o sacrifício de mais de 600 pessoas.⁴

O ataque dos submarinos do Eixo aos navios brasileiros, sem que houvesse uma declaração de guerra formal, causou uma indignação generalizada, atingindo um nível de verdadeira comoção popular e uma onda de protesto pelo país inteiro.⁵ Em 31 de agosto de 1942 é declarada guerra contra o Eixo.

A cobertura realizada por dois jornais da cidade do Rio Grande, *O Tempo* e *Rio Grande*, sobre os acontecimentos que se seguem após o afundamento de navios brasileiros em agosto de 1942, será analisada neste artigo. A exemplo da capital porto-alegrense, Rio Grande não se mostrou apático com o atentado e juntou-se ao grande coro nacionalista que bradava vivas ao país e clamava por medidas enérgicas ao presidente Getúlio Vargas. A população rio-grandina saiu às ruas em protesto, atacando e depredando as casas comerciais de súditos dos países do Eixo.

OS ACONTECIMENTOS NA VISÃO DOS JORNAIS

Em 1942, dois jornais rio-grandinos acompanharam o desenrolar dos acontecimentos internacionais, nacionais e locais dentro de uma conjuntura de guerra mundial: *O Tempo* e *Rio Grande*.

³ Os ministros Sousa Costa e Osvaldo Aranha lideravam segmentos políticos que acreditavam que o Brasil obteria vantagens com uma maior aproximação dos aliados e, principalmente, dos Estados Unidos. Ver BRANCATO, Sandra M.L. A participação do Brasil na II Guerra Mundial: momentos decisivos. In: *América*. São Paulo: Unimarco, v. 2, 2º semestre de 1996, p. 59-72.

⁴ Até fins de 1942, mais quatro navios brasileiros torpedeados e um atingido por tiro de canhão. Em 1943, o país perdeu sete navios. Durante 1944 não houve registro de perda. Ao total, foram perdidos 30 navios e um ficou seriamente avariado, o vapor Comandante Lira, do Lloyd Brasileiro. Ver SCHWARTZMAN, Simon. *Estado Novo, um auto-retrato*. Brasília: Ed. UnB, 1983, p. 268-269.

⁵ BRANCATO, Sandra. Op. cit., p. 62.

O jornal *O Tempo* foi fundado em 01 de dezembro de 1906 e apresentava quatro páginas em formato *standard*.⁶ A primeira página era dedicada às notícias nacionais e da guerra, enquanto na página quatro apareciam notícias locais. A manchete de 18 de agosto de 1942 define o engajamento do jornal à luta antinazista: “Canalhas! Bandidos! Assassinos! Hoje nós estamos de luto. Amanhã... As almas dos nossos irmãos serão vingadas, sem dó nem piedade. Para vocês, a pena de talião”.⁷ Nesse número, o jornal afirma não dar maiores informações sobre o afundamento de navios brasileiros devido à falta de material oficial da Agência Nacional com sucursal em Porto Alegre. A orientação de *O Tempo* baseava-se em divulgar somente material enviado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e oriundo da Agência Nacional, o que reflete o comprometimento com fontes estadonovistas. As exaltações a Getúlio Vargas e às principais autoridades civis e militares ligadas ao governo federal são freqüentes. Recorre a outros jornais como fontes noticiosas, mas buscando elementos que respaldem a luta contra o Eixo e a exaltação varguista: “O Brasil se fará digno das suas tradições e preservará a sua honra e o seu futuro. Diante disso é justo que todos depositem a máxima confiança na palavra e nos atos do supremo magistrado da Nação”, copiando o jornal *Correio do Povo*.⁸

Matérias diárias divulgam os protestos contra a agressão aos navios brasileiros, “O Rio Grande protesta com indignação contra a pirataria alemã – o povo vibrando de patriotismo percorreu a cidade cantando o Hino Nacional, sob abaixo aos famigerados do eixo e castigando os quinta-colunistas”. Essa manchete do dia 20 de agosto é desenvolvida na matéria abaixo:

“O Povo da cidade do Rio Grande revivendo as suas tradições de patriotismo e de desambro ao tomar conhecimento do vandálico e covarde afundamento de cinco unidades de nossa marinha mercante por submarinos alemães nas nossas águas territoriais, extravasou a sua indignação e repulsa em desagravo ao ultrage à sua soberania. E cheio dessa justa exaltação cívica, veio para as ruas, às primeiras horas da tarde de ante-ontem, percorrendo as mesmas conduzindo à frente o Pavilhão auri-verde tendo visitado as redações dos jornais e o Palácio da Justiça (...). Dalí os manifestantes, aos brados de Morra aos países do eixo e a quinta-coluna, abaixo Hitler, Mussolini e Hiroito e com vivas ao Brasil,

⁶ O jornal não circulava na segunda-feira e o número avulso custava 400 réis. O diretor era Saul Porto.

⁷ *O Tempo*. Rio Grande, 18/08/1942, p. 1.

⁸ *O Tempo*. Rio Grande, 20/08/1942, p. 1.

aos países aliados e à Democracia, dirigiram-se à Praça Xavier Ferreira e ao pé da Estátua da Liberdade, usou da palavra, o sr. Fernando Barbosa, para dar por encerrado, naquela tarde, devido ao mau tempo, o comício, ocasião em que foi cantado pela massa popular o Hino do Brasil”.⁹

Ainda nessa edição de 20 de agosto, o jornal faz referência aos episódios da noite de 18 de agosto, quando “o povo reuniu-se em novo e entusiástico comício de protesto contra os canalhas do Eixo”. A multidão conduziu “os gloriosos Pavilhões Nacional, Britânico e Estadunidense” percorrendo as ruas centrais ao som da banda musical *Rossini*, deslocando-se para a sede do Aero Club no edifício da Caixa Econômica onde foram proferidos discursos que insistiram no “banditismo dos inimigos do Brasil”. A seguir, “a coluna manifestante visitou os órgãos da imprensa”, inclusive o jornal *O Tempo*, onde o diretor Saul Porto discursou. Na Prefeitura, Roque Aita Jr. reunido com prefeitos da zona sul do Estado “produziu incisiva oração de cunho patriótico e repulsa aos assalariados do Eixo”. As últimas palavras do prefeito foram cobertas por “palmas frenéticas” e “para se ter idéia do entusiasmo popular, basta que se diga que o meeting só foi dissolvido a zero hora”.¹⁰

Nos números seguintes, *O Tempo* ampliou seu engajamento à declaração de guerra ao Eixo através de matérias assinadas ou do próprio jornal. “Os bandidos nazistas (...), todos estamos unidos em torno da figura máscula de Getúlio Vargas, nosso comandante em Chefe. Quem não estiver com Getúlio Vargas, não está com o Brasil”.¹¹ No dia 22 de agosto a manchete destaca “O Brasil está em guerra com a Alemanha e a Itália” e passa a publicar slogans no cabeçalho do jornal: “Boicotar os 5ª colonistas e eixistas é uma obra de brasilidade” ou “Afasta de ti o 5ª colonista, porque ele é mais perigoso que o leproso”. Em matéria na “crônica do dia” propõe-se a apoiar a formação de uma “Liga Brasileira contra a espionagem” para combater a infiltração do “sanguinário nazi-nipo-fascismo”: “Nem asilo, nem amizade; nem serviço, nem contemplações. Boicotar as casas comerciais do eixo, é obra de sadio patriotismo, é saneamento que se impõe, imperativo e urgente...”.¹² A filiação ao projeto estadonovista é reiterada:

⁹ *O Tempo*. Rio Grande, 20/08/1942, p. 4.

¹⁰ *O Tempo*. Rio Grande, 20/08/1942, p. 4.

¹¹ *O Tempo*. Rio Grande, 21/08/1942, p. 1.

¹² *O Tempo*. Rio Grande, 22/08/1942, p. 1.

“*O Tempo*, jornal bem brasileiro e integrado no Estado Novo, das suas colunas denunciará os canalhas às autoridades (...) pondo-as [as autoridades] a par de qualquer movimento dos canalhas da 5ª coluna e dos seus sócios do Eixo”.¹³

Apesar do incitamento a represálias aos simpatizantes do Eixo, as depredações ocorridas na cidade não foram detalhadas pelo jornal. O resultado da manifestação popular pode ser indiretamente constatado na carta publicada pelo jornal em 25 de agosto (datada do dia 22) escrita por Olavo de Albuquerque que argumenta “ser brasileiro nato e patriota exemplar, mas teve sua residência depredada na tarde de 19 de agosto por uma multidão que invadiu sua residência para destruir um rádio-amador”.¹⁴ As depredações ocorridas na cidade podem de maneira indireta serem constatadas, pois o jornal silencia frente a esses acontecimentos. Somente o quebra-quebra em Porto Alegre é noticiado por vários dias.

A cobertura realizada pelo jornal *Rio Grande*¹⁵ difere em certos aspectos do trabalho desenvolvido no jornal *O Tempo*. O *Rio Grande* estabelece um diálogo com o leitor, onde exalta o ufanismo à brasilidade e o culto às autoridades, combatendo sem meias-palavras o nazi-fascismo. Em 18 de agosto, a manchete incentivava a mobilização popular frente aos ataques aos navios: “O Povo Protesta! Verdadeira massa popular cheia do mais são patriotismo, percorreu as ruas da cidade, num eloqüente protesto contra o banditismo dos totalitários”. O jornal realiza a cobertura dos acontecimentos em Rio Grande:

“Imensa massa popular, levando à sua frente o Pavilhão Nacional percorreu à tarde de hoje, as principais ruas da cidade, num expressivo gesto de repulsa contra a sanha nefasta dos covardes piratas que integram a sangüinolenta quadrilha do ‘eixo’, a qual acaba de afundar mais cinco navios brasileiros. A multidão possuía do mais sincero patriotismo, vibrava delirantemente, erguendo fortes vivas ao Brasil, ao Dr. Getúlio Vargas, eminente Chefe da Nação, e incessantes morras à Alemanha, à Itália, ao Japão e à quinta-coluna. Os manifestantes estiveram à frente da redação do Rio Grande ...”.¹⁶

¹³ *O Tempo*. Rio Grande, 23/08/1942, p. 1.

¹⁴ *O Tempo*. Rio Grande, 25/08/1942, p. 4.

¹⁵ O jornal *Rio Grande* foi fundado em 1913, apresentando 4 páginas em formato standard, não circulando na segunda-feira. O número avulso no mês de agosto de 1942 custava 300 réis. As três primeiras páginas do jornal apresentam notícias e a última página destina-se a anúncios.

¹⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 18/08/1942, p. 2.

No dia 19 de agosto, ao lado de discursos de Getúlio Vargas e Cordeiro de Farias, os protestos populares são exaltados pelo *Rio Grande*: “O Povo Protesta! A população desta cidade, num gesto altamente patriótico, protesta, com veemência, contra a ação vil e criminosa dos repulsivos piratas do ‘eixo’”. A ação popular ao sair às ruas e praticar represálias contra elementos originários dos países do Eixo foi um movimento “justo e compreensível” de repulsa aos crimes praticados pelos “nazistas contra os nossos marinheiros, soldados e indefesas crianças e mulheres”. A população “apedrejou diversas casas comerciais pertencentes a alemães e italianos conhecidos ‘quinta-colunistas’ e simpatizantes da ‘trindade maldita’ integrada por Hitler, Mussolini e Hiroito”. Os manifestantes permaneceram até as primeiras horas da madrugada do dia 19 nas ruas “sempre vibrantes de indignação contra o hediondo crime praticado com a nossa Marinha Mercante pelos demoníacos soldados do ‘eixo’”. Durante o dia 19, “grande multidão ainda possuída da mais justa repulsa pelos vis totalitários, percorreu diversas ruas da cidade, dando vazão aos seus profundos sentimentos patrióticos”.¹⁷

O jornal prossegue a cobertura da ação popular na cidade com a manchete *O Povo Protesta*:

“prosseguiram durante o dia de ontem, as vibrantes manifestações de desagravo contra a vergonhosa pirataria do ‘eixo’ organizadas pelo povo rio-grandino. Os ferroviários, numa brilhante demonstração de patriotismo, vieram de público, trazer o seu enérgico protesto à ação nefasta dos totalitários. Os ferroviários [na tarde de 19 de agosto] estiveram à frente das redações dos jornais, inclusive a do Rio Grande. Os manifestantes, sempre aos vivas ao Brasil, ao Presidente Getúlio Vargas e fortes morras aos sombrios, tiranos do ‘eixo’ e à traidora ‘quintacolumna’ encaminharam-se para a Rádio Riograndina (...). A grande multidão estacionada à frente da referida emissora, vibrava a cada instante, do mais puro civismo, numa eloqüente demonstração de repúdio pelas trágicas forças do mal”.¹⁸

Mesmo veiculando notas da Chefatura de Polícia sobre a necessidade de manter a tranqüilidade pública e decretação do toque de recolher após as 22 horas, o jornal insiste em destacar matérias sobre a revolta nacional frente aos ataques e o aguardo de decisão do governo pela guerra. No dia 22 de agosto, o *Rio Grande* está exultante frente ao desenrolar dos fatos: “O Brasil está na

¹⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 19/08/1942, p. 2.

¹⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 20/08/1942, p. 2.

Guerra – aos brasileiros traidores é só encostá-los à parede e fuzilá-los”; “a imprensa lusa considera o torpedeamento dos navios brasileiros como uma profunda ferida aberta na opinião pública de Portugal”¹⁹. Constata-se, além de uma clara ação anti-Eixo e a declaração de guerra, uma represália a pessoas ligadas à “quinta-coluna”, ampliando este conceito a todo descendente alemão ou italiano. Faltam dados para constatar a visão de mundo lusitanófila²⁰ como referencial nivelador do que seja brasilidade ou as indisposições pessoais contra comerciantes, firmas e pessoas com descendência alemã ou italiana. As próprias dimensões dos distúrbios, com os prejuízos materiais e perdas humanas, não estão explicitados no jornal. As notas do major Pedro da Costa Leite (comandante da guarnição militar), agradecendo o apoio do povo rio-grandino ao retorno da tranquilidade pública e de Olavo de Albuquerque (também publicado no *O Tempo*) sobre depredações ocorridas em sua residência, indicam a ação explícita incentivada nas páginas do jornal. No dia 26, o tom panfletário e militante persiste frente à necessidade em neutralizar a penetração nazi-fascista no Brasil, inserindo-se ao lado da campanha de nacionalização em nível repressivo²¹: “Para os miseráveis judas da segurança nacional não cabem nem tolerância, nem piedade”²².

OS CAMINHOS DA GUERRA NOS JORNAIS

O jornais *O Tempo* e *Rio Grande* participam ativamente da campanha de mobilização para a entrada do Brasil ao lado dos aliados na 2ª Guerra Mundial, exaltando o chefe de Estado e a democracia, “sem questionar as diretrizes da ditadura varguista”²³. Sistemáticamente, combatem a infiltração

¹⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 22/08/1942, p. 2.

²⁰ Fundamentada na formação histórica luso-brasileira e na dificuldade de integração do imigrante alemão e italiano na sociedade rio-grandense e na preocupação, explicitada em várias matérias, sobre a posição de Portugal frente aos fatos ocorridos no Brasil. Os referenciais da identidade gaúcha na década de 1940 permaneceram ligados, entre a intelectualidade do período, ao heroísmo do homem lusitano-açoriano, democrático e ordeiro. Ver TORRES, Luiz Henrique. *Imagens da terra gaúcha em 1942*. In: ALVES, F.N. & TORRES, L.H. (orgs.). *Temas de História do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Editora da FURG, 1994, p. 145.

²¹ Conforme TORRES, Luiz Henrique & TORRES, Andréa Sanhudo. *O Correio do Povo na 2ª Guerra Mundial: os coloninhos e a campanha nacionalizadora*. In: FLORES, Hilda Hübner. *Correio do Povo – 100 anos*. Porto Alegre: Circulo de Pesquisas Literárias/Nova Dimensão, 1995, p. 84.

²² *Rio Grande*. Rio Grande, 26/08/1942, p. 2.

²³ Ver TORRES, Andréa Sanhudo. *A Rádio Farroupilha e a Semana da Pátria de 1940*. In: ALVES, F.N. & TORRES, L.H. (orgs.). *Ensaio de História do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: URG, 1996, p. 131.

de elementos do Eixo e promovem, através de manchetes e matérias, a edificação de um inimigo *sangüinário, covarde e sádico*. O afundamento de navios brasileiros pela Marinha Alemã é fator de expansão do noticiário engajado aos discursos antinazistas. O espectro da quinta-coluna, e da subseqüente infiltração e espionagem, leva a generalização do inimigo nazi-fascista em todo descendente alemão ou italiano.

Os acontecimentos dos dias 18 e 19 de agosto, ocorridos na cidade do Rio Grande, são apoiados integralmente pelos jornais enquanto natural expansão do patriotismo e indignação contra os ataques orquestrados pelo Eixo. A depredação de casas comerciais e residências faria parte da imposição dos princípios da brasilidade frente à infiltração inimiga. A discriminação de empresas e funcionários simpatizantes ou oriundos desses países deveria tornar-se uma norma de conduta na comunidade local.

Enquanto *Rio Grande* desenvolve em suas páginas um estudo mais aprofundado do noticiário local, estadual e nacional, o jornal *O Tempo* recorre também à linguagem panfletária e indutiva sobre as posições a serem assumidas pelo leitor, porém apresenta matérias mais breves e menos detalhadas, cedendo menor espaço às informações que poderão comprometê-lo. As manifestações de rua tiveram uma melhor cobertura do *Rio Grande*, que, mesmo fugindo a detalhes comprometedores ligados ao incitamento às depredações, apresenta uma cobertura mais engajada à ação popular. Os discursos proferidos em frente aos dois jornais, se reproduzidos pelos dois veículos, poderiam explicitar o grau de participação nos incidentes.

O resgate destes acontecimentos ocorridos em agosto de 1942, período de grande tensão em todo país, propicia reflexões sobre a prática jornalística e da brasilidade compulsória daqueles dias. Resgata também uma memória que foi perdida pelas gerações mais recentes ligada à manifestação popular contra o nazi-fascismo e à coragem do engajamento à participação em uma guerra mundial que poderia ter tido um rumo diferente da vitória dos aliados. Evidencia também que o conceito de democracia era aplicável inclusive ao governo ditatorial que estava em curso com Getúlio Vargas, e que a imprensa exaltava a *democracia varguista*. O ano de 1942 foi rico de experiências históricas que só uma situação de clima de guerra poderia propiciar, quando as contradições e idiosincrasias no convívio diário tomaram um rumo de enfrentamento.